

Stadium

N.º 29 ★ 23 DE JUNHO DE 1943



O "onze" do SPORT LISBOA E BENFICA

é fotografado expressamente para a "Stadium" após a sua vitória na "Taça de Portugal"

(foto Nunes d'Almeida)

O Vitória Futebol Clube de Setúbal

E O VALOR DESPORTIVO DE PROVINCIA

A entrada do Vitória de Setúbal na final da «Taça de Portugal» tem um significado que merece alguns comentários. As características do torneio — a eliminar, num só jogo, com adversário e campo escolhidos por sorteio — permitem resultados que podem não traduzir suficientemente o exacto valor de um clube. Mas não há dúvida de que representam pelo menos a existência de um valor relativo. Pode um clube beneficiar duplamente do sorteio — em adversário e campo de luta. É, porém, indispensável possuir algumas qualidades para se chegar ao desafio da final. Não se pode fugir a esta verdade. É um axioma em certos limites.

O Vitória de Setúbal encontra-se nestas condições. Beneficiou do sorteio dos adversários e pode ter beneficiado do sorteio dos campos. Fez três jogos, até domingo, e disputou todos eles no seu velho campo dos Arcos, um dos mais antigos em todo o país. Mas colheu também vantagens do seu trabalho interno na reorganização e melhoria das suas equipas. Para chegar à final, teve de bater, sucessivamente, o Leixões, o Barreirense, velho rival no distrito e recente vencedor do campeonato nacional da II Divisão, e depois o Porto, ainda uma boa equipa de provincia. E bateu os campeões portugueses por 7-0.

Seja qual for o resultado que se tenha verificado no domingo, queremos consignar, aqui, o relevo que merece o comportamento do Vitória de Setúbal, tanto no torneio agora findo, como nos outros campeonatos em que entrou na temporada em decurso. E queremos consignar este facto, não como êxito episódico, mas pelo convencimento de que os triunfos alcançados correspondem a um esforço notável no sentido de vencer uma crise, a crise em que se debate há anos. Não ganhou o campeonato do seu distrito. Não chegou à final do campeonato nacional da II Divisão. Teve, porém, a honra de se bater com o Sport Lisboa e Benfica, na última jornada da «Taça de Portugal».

O Vitória de Setúbal é um dos clubes de melhores e mais gloriosas tradições na provincia. Conta no seu passado êxitos de grande valor. Chegou a ir ao Brasil, com o seu «onze» de futebol. Cedeu jogadores para a selecção portuguesa do mesmo desporto. Triunfou algumas vezes, em diversas categorias, nos campeonatos de Lisboa. Alargou a sua acção a outros desportos. Ganhou campeonatos e provas nacionais — em natação. Não pode por isso passar sem registo o valor afirmado na «Taça de Portugal».

MÁRIO DE OLIVEIRA

NOTAS & COMENTÁRIOS

AS «Jornadas de Propaganda», oportunamente organizadas pelo nosso prezado colega «Diário de Notícias», têm-se seguido, quasi dia a dia, em diversos desportos. As provas decorrem e lódas elas logram um êxito que tem muito de liougeiro. É difícil destrinçar, entre tã las elas, as que valem mais — como propaganda.

Meraca, todavia, destaque, pelas condições especiais em que foi organizado, e pelo brilho com que decorreu, o sarau luso-espanhol de ginástica, no qual tomaram parte gymnastas espanhóis de ambos os sexos e equipas masculinas e femininas do Ginnásio e do Lisboa Ginnásio. A gymnástica e a cultura física parece terem estado ultimamente num ciclo de grande actividade — e de franco progresso.

MÁRIO Santos, nosso distinto colaborador, publicou, há dias, no nosso prezado colega «Diário de Lisboa», uma crónica suggestiva sobre o último Benfica-Sporting, acção do brio que devem ter e mostrar todos os jogadores de futebol. A determinado elemento «os alôcos» é atribuída grande parte da derrota da sua equipa, por falta de combaliteidade.

O mais interessante da crónica é a afirmação de que o atuidado jogador devia ter sido afastado das seleções nacionais de futebol, depois da tarde desamarrável de Bilbao, contra a Espanha.

Para representar a coroa do país são necessárias qualidades que dêem caracter e vigor à luta. Há nomes que não aquecem, pelo brio com que se batiam sempre. E há outros que deviam ser esquecidos — ou banidos.

OS clubes lutam com dificuldades mas esforçam-se por vezes no sentido de alargar o âmbito das suas relações desportivas. Em Évora e Beja têm-se realizado desportos de futebol de certa importância mas são quasi sempre pesadas as condições de deslocação das equipas de grande «cartela». E o público nem sempre auxilia.

No domingo passado, deve ter jogado em Moura o Unidos do Barreiro. É uma iniciativa que excede por certo as possibilidades financeiras do público local. Os clubes precisam, porém, de trabalhar. Sem jogos não há entusiasmo — nem para os jogadores, nem para o público.

TEM sido irregular a carreira do Futebol Clube do Porto na actual época de futebol. O «score» de 15-1 contra o Sanjoanense deu a impressão de um retorno de forma. Ganhou, ainda, ao Unidos do Barreiro. Mas não resistiu à arremada do Vitória, em Setúbal.

Não sabemos se voltará a jogar, até ao fim da temporada. Talvez fizesse bem em «arrumar já as botas» e pensar no trabalho para o futuro. Tem um bom treinador. É aproveitar o defeito — para reorganizar a equipa.

A natação portuense está agora entregue em boas mãos. Pereira da Costa, o novo presidente da respectiva associação regional, realizou obra de relevo na expansão desportiva da modalidade em Coimbra. Se os clubes o ajudarem na sua tarefa de fazer ressurgir a natação no Porto, esta voltará a animar-se.

O trabalho principal deve consistir na formação de gente nova. A natação emperrou, no Porto, há anos. Precisa de um sopro de vida nova.

ANO XI — Lisboa, 23 de Junho de 1943 — II SÉRIE-N.º 29

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19.3.º

Telefona 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ALUDIMOS, há semanas, ao valor das provas reservadas a veteranos de qualquer desporto. São sempre interessantes, como excepção de outros tempos — e como recordação de velhas glórias do clube ou país. Dentro da «Semana do Belenense» disputou-se um desafio de futebol entre duas equipas de antigos jogadores do mesmo clube. E a iniciativa despertou entusiasmo.

Pelo campo das Salésias passaram homens que foram lódes de triunfo ao Belenense — e que não conheciam talvez o prazer de jogar sobre a relva... Fizemos alguns nomes: Augusto Silva, o herói dos Jogos Olímpicos de Amsterdão; Joaquim de Almeida, esportado sempre no campo e no clube; Joaquim Rio, irmão de Alberto Rio, famoso ponta esquerda do Sport Lisboa e Benfica; Azevedo, defesa voluntarioso. de antes quebrar que torcer...; e Fernando António, extremo direito de grandes qualidades. Mas estiveram muitos outros. E fez-se, com eles, a excepção de José Manuel Soares, o ajudado «Pepe», que deu o nome ao antigo terreno das Salésias.

QUEIXAM-SE por vezes os clubes da falta de dedicação dos jogadores de futebol. Aparecem, todavia, muitos exemplos — em contrario. É curioso e oportuno pô-los em destaque, de quando em quando.

Bernardo e José Luis tiveram de ceder os seus lugares no onze do Belenense — foram obrigados a defender outras cores. Pois ambos tornaram a alinhar p o Belenense — num dos «onzes» de veteranos. Não se esqueceram do antigo clube — num festival de homenagem às suas velhas glórias.

ESIEVE recentemente em Madrid a equipa representativa da Eslováquia em «ping-pong». Os eslovacos bateram largamente a selecção de Madrid.

Era uma excelente ocasião para trazer a Lisboa uma equipa estrangeira de especialidade.

FALHOU-NOS na altura própria uma referência a determinado aspecto do festival de natação do Estoril-Prata, para apresentação do seu novo núcleo de nadadores. Queremos aludir à formação de dois grupos de «water-polo». Após-nos referir o facto.

A exhibição feita pelos dois «setes» permite esperar que o Estoril-Prata contribua também para o ressurgimento do «water-polo» entre nós.

ESTAVA marcado para domingo o desafio de despedida de José da Silva, médio centro do União de Coimbra, que foi também, até há pouco tempo, médio centro das seleções conimbricenses do popular desporto.

José da Silva retirou-se do futebol com 24 anos de actividade como jogador. É um caso curioso de longevidade desportiva. E retira sem haver perdido algumas das qualidades que o fizeram brilhar. O «onze» do União vai sentir a sua falta.

PASSOU há dias mais um aniversário do Sport Algés e Dafundo, a que fazemos referência noutro local. É o 28.º da conta... Em vinte e oito anos, tem uma folha de serviços que é absolutamente notável — em natação. Mas tem-se afirmado também noutros desportos — vela, tenis, «ba-ket-ball» e «ping-pong».

A sua obra de mais valor desportivo é, no entanto, o Estádio Náutico de Algés, o melhor em toda a peninsula.

Ao Sport Algés e Dafundo apresentamos as nossas sinceras felicitações.

NOTA-SE com prazer a actividade velocipedica no Estádio do Lima, no Porto. Já se disputaram os campeonatos regionais de velocidade e foram aprovados dois domingos para a organização de várias corridas de pista.

Tendo o Estádio do Lima uma pista com «relevo», não fazia sentido que se mantivesse sem aproveitamento. Convm, no entanto, insistir. É insistindo com as provas que se fazem corredores e se forma e educa o público.

PASSOU no último sábado mais um aniversário do Sport Algés e Dafundo — o 28.^o — data que longe de se circunscrever apenas ao clube, se estende, pelo seu significado, ao desporto nacional.

19 de Junho de 1915. Como vai longe esse dia! Como sentimos afastado de nós o momento em que um grupo restrito de rapazes, entusiasmados pela nataçào, tomou a iniciativa da fundação do Sport Algés e Dafundo, que pelo local onde desenvolvia a sua acção parecia condenado a não passar de um grupo de características baíristas.

E, no entanto, o Algés e Dafundo é hoje um dos clubes de maior expansão. Frequentam no gentes dos mais recônditos baixos de Lisboa.

Pois o Sport Algés e Dafundo está em festa. Melhor — o desporto nacional comemora uma das suas mais brilhantes datas.

Muito há a admirar. Muitos exemplos há a colher.

Para os sócios fundadores, para todos os que deram a sua quota parte de esforço nos primeiros tempos da colectividade, para aqueles que «começaram» o Sport Algés e Dafundo — alguns dos quais já partiram para a grande viagem — deve ir neste momento o melhor da nossa admiração.

Hoje, vista no seu conjunto, a 28 anos de distância, a acção do Algés afigura-se-nos qual realização de um punhado de gigantes.

Apetece, assim, parar por momentos a contemplar a obra magestosa do Sport Algés e Dafundo.

Leitor: convidamo-lo a sentar-se ao nosso lado. Temos na frente um livro já algo volumoso, e a «História da nataçào portuguesa».

Abramo-lo, pois, no ano de 1915. E veremos que a partir dessa data, até aos nossos dias, o nome do Sport Algés e Dafundo figura, a letras de ouro, em cada uma das suas páginas, quer nas mais recentes, quer naquelas que o tempo já amareleceu.

Retenhamos este apontamento — é bem uma data histórica. A primeira vitória do Sport Algés e Dafundo foi na travessia «Bugio — Santo Amaro de Oeiras», por intermédio de Rodrigo Bessone Basto, no ano de 1916. Este nome — que Portugal inteiro sabe de cor — grande entre os maiores da nataçào portuguesa, foi a figura mais representativa do Algés na primeira década da sua existência.

Vamos passando páginas e o nome de Bessone Basto aparece como triunfador de inúmeras provas, desde os 400 metros às célebres travessias do Tejo.

E com ele, outros, cujos nomes já estão um pouco esbatidos da memória — Manuel Moniz, João Norton, João Holbeche, Carlos Sobral, Basílio dos Santos, Raúl Cordeiro...

Outro pormenor curioso: D. Margarida Pala — senhora a quem a nataçào portuguesa muito deve — obteve a sua primeira vitória em 1918, numa prova de 100 metros, da taça «Gentils».

Vamos passando as páginas. Efectivamente, como grandes nadadores de então, encontramos representantes do Sport Algés e Dafundo — Alves Miguel, António Graça, Carlos Campanella, Zola da Silva...

Mais um apontamento interessante — 1921: o Algés ganha o seu primeiro campeonato de «water-polo» e, simultaneamente, o seu primeiro troféu nesta modalidade, a taça «Carlos Moura». E já agora registemos a constituição dessa histórica equipa: Antonio Pala, José Ferrelra, Alves Miguel, Bessone Basto, Basílio dos Santos, Luís Sacadura e João Norton.

E mais nomes, sempre mais nomes a quem a nataçào deu fama: Vieira Alves, António Soares, Luís Sacadura...

É um não acabar de pormenores interessantes que, neste rebuscar de velharias, se trazem à superfície. Registe-se: 1924, ano em que Manuel Cardoso — o que este nome recorda! — ganhou o seu primeiro campeonato, uma prova de 100 metros livres. Os nossos olhos ávidos vão sempre encontrando mais nomes, que nos sugerem rosários de vitórias alcançadas sob a bandeira do Algés: Alfredo da Conceição, António Moitinho de Almeida, Hermano Patrone...

A medida que volvemos as páginas do nosso volume, o número de vitórias alcançadas é cada vez maior.

Em 1926, por exemplo, muitos foram os

RECORDAR É VIVER...

Os 28 anos do Sport Algés e Dafundo

Um grande baluarte do desporto Uma obra que atesta perseverança

triuñfos: travessias do Tejo e de Lisboa, vários campeonatos, provas na Pigueira da Foz, torneos de «water-polo» de 1.^o e 2.^o categorias. Distinguiram-se, especialmente, Manuel Cardoso, Bessone Basto, António Moitinho de Almeida, Fernando Sacadura — que despontava como campeão — Mário Brândão, Joaquim Marques, Vieira Alves, Basílio, Patrone, D. Margarida Pala e muitos outros.

Ainda neste ano de 1923, um apontamento mais para a história da nataçào portuguesa: o «Record de Distância», batido por Basílio dos Santos, de Xabregas à Bôca do Inferno, em 6 h. e 44 m.

As fílhas da «História» vão passando uma após outra. De página para página nota-se que, à medida que progredimos no tempo, o valor do Sport Algés e Dafundo é cada vez maior.

Em 1927, o seu «palmarés» é magnífico. Vitórias nas provas mais variadas. Conquista de grande número de taças. Uma nota: foi naquele ano que Silvina Vieira Alves ganhou a sua primeira travessia do Tejo. O que este nome do desporto feminino nos traz à memória! Isto apenas: 18 anos consecutivos a ganhar campeonatos, representando sempre o Sport Algés e Dafundo.

E os nomes passam, como se um «filme» mágico estivesse correndo: José Luís Patrone, Faustino José Santana, Henrique Costa, António Espadinha...

E os anos vão passando também... 1928... 1929...

Distinguem-se de novo os conhecidos Fernando Sacadura, Azinhais dos Santos, Hermano Patrone, Alfredo da Conceição e Silvina Vieira Alves.

Temos de fazer aqui uma paragem. Chegamos a 1930. Lê-se: «13 de Julho de 1930, data da inauguração da piscina do Sport Algés e Dafundo». Como o tempo vò! Parece que estamos ainda a ver a «maquette», ali nas Belas Artes... Foi há treze anos. Não há engano... E não há também outra colectividade que tenha podido repetir a proeza.

O «sonho» de Florêncio Ricardo Domingues era — ao cabo de esforços, que só quem nêles participou pode sentir — uma realidade. Fixe-se também este nome: José Cordeiro Júnior, ao tempo presidente da assembleia geral e da comissão de obras da Piscina. E por ora, não passemos mais fólhas. Reflitamos neste facto. Merece uns momentos de ponderação.

A piscina de Algés é a razão de ser do avanço da nataçào portuguesa. Sem ela não se teria progredido o que se progrediu, não se teriam atingido os «tempos» que se atingiram.

O espaço de que dispomos é restrito — mas lembrem-nos do que representa de esforço, de trabalho, de perseverança, de fé inquebrantável, a transformação de um simples barracão na praia de Algés no melhor Estádio Náutico da Península!

Pouco dado a grandes rasgos de audácia, o nosso meio desportivo tem no imponente Estádio Náutico do Sport Algés e Dafundo a sua melhor afirmação no que diz respeito a instalações clubistas, aliás a condição primeira para que qualquer modalidade possa progredir.

O tempo urge. Passemos umas fólhas mais. Estamos em 1932.

Uma equipa do Sport Algés e Dafundo vai de longada até Barcelona e apresenta-se ao lado de nadadores espanhóis, franceses, alemães, italianos, checos e austríacos. Foi um grande passo em frente. Apreendeu-se multíssimo. E bateram-se quasi todos os «records» nacionais.

Os espanhóis retribuíram a visita em 1933 — numa grande jornada de propaganda.

Os brasileiros visitam-nos, por acaso, em

1934, e o Estádio Náutico enche-se como nunca até aí se tinha enchido. Noite inolvidável...

O ano de 1935 tem, para nós, significado especial. Foi nesse ano que se começou a afirmar uma pleiade de nadadores jovens, cujo elemento mais em destaque foi Bessone Basto Júnior, com a sua vitória na travessia do Tejo. E outros outros: Francisco Vasconcelos, Manuel Moniz Pereira, Oscar Cabral, Afonso Gonçalves, Emílio Mertens, Vasco Carrelhas, Eduardo Mannaças, Fernando Leal, João Moniz Pereira...

Aproximamo-nos dos nossos dias, 1938... 1937... O Sport Algés e Dafundo é, debaixo de todos os pontos de vista, um grande clube, desenvolvendo extraordinária actividade. Todos os anos saem das suas escolas centenas de pessoas a saber nadar. Todos os anos as suas figuras mais representativas melhoraram os «records» nacionais de todos os estilos, de todas as distâncias, de todas as categorias.

Vamos lendo documentos preciosos. Muito havia a registar. Contentemo-nos com o mais importante. Dois factos há, porém, que merecem referência especial: as visitas dos nadadores alemães e húngaros, respectivamente em 1938 e 1939. Noites inesquecíveis que perdurarão sempre na memória de quem as viveu. Foram autênticas lições de nataçào desportiva. Deslizaram então, no espelho verde da piscina de Algés, nomes que o mundo inteiro admira: Fischer, Ohrdorff, Birr, Kienzle, dr. Csik, Grof, dr. Lengyel, Korosi, I. Ivan, Helmer e os saltadores exímios Weiss e Hedvegi.

Forma-se então o grande campeão Mário Simas, que nestes festivais internacionais teve papel preponderante, especialmente com a sua inesquecível vitória sobre o dr. Lengyel, nos 100 metros costas. Simas — produto do Algés, que fez dele um campeão de classe internacional.

1940. O Algés recebe a visita do Canôe de Madrid, como já a havia recebido cinco anos antes. Os nadadores do Algés têm comportamento brilhante — apenas perdem uma prova, 200 metros bruços. E um facto fica demonstrado: Simas é, sem dúvida, o melhor da Península! Outro nadador, também nado e criado em Algés, exhibe-se a grande altura: Mira Gomes.

A actividade do Sport Algés e Dafundo continua sempre na estrada do progresso. Nas épocas de 1941 e 1942 o seu «poder» é cada vez maior. Mais e melhores nadadores. E uma jornada de propaganda à Madeira coroou a última temporada...

Chegamos aos nossos dias, embora a passos largos. Fechemos o livro simbólico que havíamos aberto. Muito havia a dizer. Muito havia a focar da actividade do Algés no «basket-ball», na vela, no ténis, na gymnástica, no tiro reduzido, no campo cultural.

Mas sejamos razoáveis, leitor: já compreendeu que não haveria espaço que bastasse...

Preferimos mostrar-lhe, nos seus pontos e cunheiras, a actividade do Algés como clube de nataçào — que o é funtamentalmente. Pretendemos chamar a atenção para o que representa o seu esforço sem par. Ele aí fica sublinhado como merece. Bem haja!

ABREU TÔRRES

As festas começaram no último sábado e prolongam-se até o próximo domingo. Efectuaram-se já festivais de nataçào, regatas de «sharpies», «stars» e «vongas» — de que noutro lugar damos o resultado — e um torneio de ténis, havendo aliada uma competição de «basket-ball» e o almoço de confraternização, para encerramento das comemorações.



A classe de homens do Ginásio Clube

A educação física triunfa! **O SABAU LUSO-ESPANHOL** *fecho condigno de uma temporada de grande actividade gimnástica*

OS progressos da ginástica em Portugal tiveram este ano magníficas oportunidades para se tornarem patentes ante o espirito público, ao mesmo tempo que exerciam por intermédio dessas exhibições a mais eficaz propaganda de divulgação, largamente correspondida pela afluência e entusiasmo dos espectadores.

Os três saraus a que assistimos no Coliseu no curto espaço de mês e meio, e em segundo plano as sessões das Semanas da Ginástica do Ginásio Clube Português e Desportiva do Lisboa Ginásio Clube constituem um aglomerado de significativas provas de ensino consciente da ginástica em Portugal e da eficiência de métodos sobre os quais assenta a escola nacional de aplicação da educação física.

Todos estes acontecimentos foram devidamente apreciados pela critica e nós mesmo tivemos sucessivas oportunidades de expôr nas colunas de «Os Sports» o que sobre cada um deles pensávamos: interessa portanto muito mais, em vez de repetições tardias, extrair do conjunto uma conclusão sintética, embora para seu fundamento seja preciso pôr em foco determinados elementos, analisando-os em pormenor ou dando relevo àquelles que se afigurem mais significativos.

Os dois grandes institutos particulares de ginástica e desporto, cada um de por si e depois associados em homenagens a visitantes queridos e de destacada categoria, trouxeram ante o juízo da apreciação pública o testemunho dos resultados do seu trabalho fecundo e o exemplo da actividade entusiástica da sua massa associativa. Eles foram, nesta circunstância, os expoentes representativos de um movimento muito mais amplo, abrangendo diversas outras agremiações congêneres que empenham, dentro dos seus recursos e esfera de acção, um esforço porfiado e igualmente meritório no sentido de contribuirem para a valorização física e moral da juventude, robustecendo-a pelo exercicio cientificamente ministrado e aperfeiçoando-a pela disciplina e pelo culto do respeito próprio.

Na rectaguarda das primorosas classes de crianças, homens e senhoras apresentadas pelo Lisboa Ginásio e pelo Ginásio Clube, a nossa imaginação delineava a multidão ausente dos alunos de outras classes que regularmente trabalham durante o mesmo ano lectivo em tantas outras colectividades que, com lustre para o seu prestigio já consagrado noutros sectores, consagraram sacrificios e vontades ao serviço, em regra mal compreendido, de educar fisicamente os seus adeptos e preparar convenientemente os seus desportistas praticantes.

(Continua na página 14)



Os graciosos exercícos com arcos pela classe de senhoras do Ginásio Clube





1—A classe de rapazes do Lisboa Ginásio Clube; 2—Robalo Gouveia, do L. G. C., num salto na mesa alemã; 3—Outro salto na mesa alemã, também por um dos alunos da classe do mesmo clube; 4—Exercício de equilíbrio elevado pelas gymnastas da equipa campeã de Espanha; 5—Exercício nas argolas por José Molins, campeão espanhol da especialidade; 6—Carlos Gutierrez, campeão de Espanha de gymnástica olimpica, exhibe-se em paralelas



O BENFICA

venceu com merecimento, mas o Vitória não merecia punição tão severa

O desafio final da «Taça de Portugal» atraiu ao campo do Belenenses farta concorrência. Os campeões nacionais mereciam franco favoritismo, ainda que os «terceiros» da Associação de Futebol de Setúbal tivessem subido de cotação após a sua recente e volumosa vitória sobre o Futebol Clube do Porto. No entanto, poucos apostariam pela derrota do Benfica, se bem que, em hora e meia de jogo, e porque «a bola é redonda», tudo pudesse admitir-se...

As vantagens de um...

Além da sua superioridade técnica, que ninguém punha em dúvida, os encarnados disfrutavam, ainda, de outras vantagens sobre os adversários: maior experiência de jogos de responsabilidade, conhecimento do terreno relvado e, esperava-se, ambiente favorável. Afinal, sob este último aspecto, nenhuma das equipas pode queixar-se. De Setúbal veio muita gente, e porque grande parte do público da capital tomou, como de costume, o partido dos mais fracos, ambos os «teams» tiveram amparo, apoio e incitamentos por igual. Neste capítulo, o campo foi absolutamente neutro...

...e as do outro

A favor do Vitória pesavam a juventude da maioria dos seus elementos e a frescura, relativa, com que atingiam o jogo culminante. Era, talvez, pouco para contrapor ao poder dos antagonistas. Mas eram dois triunfos, além da fé — que demove montanhas... E os rapazes da cidade do Sado demonstraram bem que a fé lhes não faltava, como não lhes faltavam igualmente o entusiasmo e a ambição de não limitarem a sua acção à presença na «final»...

Praticamente

Os triunfos do Benfica eram, incontestavelmente, mais poderosos. Por isso, sem ser brilhante, sem disfrutar de domínio absoluto, sem poder evitar que os vencidos pusessem em campo aquilo que traziam na sua bagagem — juventude, entusiasmo e fé — o Benfica venceu naturalmente e atingiu mesmo um «score», inédito em encontros desta natureza, que fornece, aliás, uma ideia, pouco justa, do decorrer das operações. E repetimos: pouco justa, porque, no domingo, as duas equipas não estiveram tão distancadas como o marcador indicava no final da contenda...

Confirmação

O Sport Lisboa e Benfica termina a época oficial com beleza. Depois de um triunfo no torneio mais animado e valorizado que se tem disputado em Portugal, obteve a «confirmação» nesta prova especial, durante a qual teve de derrotar e eliminar o seu mais directo e difícil adversário de sempre, o crónico rival.

Nos motivos da justificada satisfação, ainda recente, provocada pela conquista do título máximo, os adeptos da popular agremiação juntam, agora, os provocados pelo novo triunfo. E ninguém como eles — honra lhes seja feita — sabe exteriorisar essa alegria.

A luta

O desafio teve três fases distintas: o primeiro tempo, com superioridade dos vencedores, que tinham o vento pelas costas; os trinta minutos iniciais da segunda parte, durante os quais os setubalenses foram claramente mais «teams»; e o final.

No primeiro dos períodos referidos o Benfica marcou por três vezes, sem reposta.

O Vitória nunca esqueceu o ataque, é certo, mas a bola teimou em não sair do seu meio

Os lobos de Palho, com vestígios daquelas características que outora os rodearam em Espanha de lenda ferrorista, deram ensaio a que a tarde de domingo se fizesse a mais animada do que tal da temporada do Campo Pequeno.

Símbolo da Veiga procurou bem o seu primeiro e entusiasmo no quinto, esticando pela segunda vez a sua «jaca torera», para colocação de dois pares de banderilhas a duas mãos, o primeiro impecável.

Júlio Nuno, a contar com lobos de mais sentido e de arrancadas incertas, mostrou-se tenso e valente, usando por vezes a montada ou terrenos comprometidos, pelo que foi colhido em consequências.

Luís Gomez, «El Estudiante», já aplaudido pelo nosso público, apresentou-se cheio de vontade. Colhido o parafusamento pelo seu primeiro, ao apertar-se demasiado numa série de «gacaras», pegou com decisão na mata, executando «jaca» diligente, mas circo e valente, conseguindo dominar. No seu segundo, estimulado pelo exagero dos aplausos do mexicano Gregorio Garcia, saiu bruscamente pela bandeira de Espanha, tentado um tourno circo e adornado que o adversário não inercia e em que intercalou alguns passos soberbos. Perficiou-se circo para simular o morto com a mão, mas o triunfo, para não dante intenção de «jaena», do segundo dos quais destacamos uma série, quasi perfeita, dos imprópriamente denominados «naturais com a direita». O público premiou-lhe o vontade e o arrojo com excesso de generosidade.

«El Estudiante» recolheu desmaiado à enfermaria. Gregorio Garcia teve estreita auspicioza. Cingido até à ferocidade com a cabeça, embora fulho de «salas», bandarillero de emoção, mais fácil do que elegante, mostrou-se sereno. Foi o triunfo, para não dante intenção de «jaena», do segundo dos quais destacamos uma série, quasi perfeita, dos imprópriamente denominados «naturais com a direita». O público premiou-lhe o vontade e o arrojo com excesso de generosidade.

J. E.

campo. Rogério, cerca do quarto de hora, abriu o «score». Sete minutos após, Manuel da Costa aumentou a vantagem.

E pouco depois, o guarda-redes setubalense deixou passar por entre as pernas um «goal» apontado por Júlio.

Qualquer dos três tentos nasceu de avançadas bem delineadas e espectaculosas. No entanto, com um guarda-redes mais calmo e de «classe», talvez nenhum deles se tivesse anotado. O que não quer dizer que o Benfica, então mais espicaçado, não fizesse outros que no domingo não fez...

No recomeço foi o Vitória que atacou mais. Aos 13 minutos, Amador, de cabeça, fez um ponto fartamente aplaudido. Depois os sadinos continuaram a resistir. Um segundo tento esteve à vista... mas à meia hora exacta — já os avançados lisboetas haviam desperdiçado algumas boas oportunidades — um «shot» de Pires foi desviado pelo defesa Armindo, com infelicidade tal que o guarda-redes já não pôde acudir — e chegou-se a 4-1!

Aqui acabou, pode dizer-se, o desafio... Os setubalenses conformaram-se à sua sorte... Os de Lisboa pareciam satisfeitos já... E até final nada mais houve... a não ser o quinto ponto do «zen» vitorioso.

Vencedores e vencidos

O Benfica acusou cansaço. A maioria dos seus homens jogou menos do que sabe e, por vezes, com lentidão demasiada. Gaspar brilhou na defesa. Os médios laterais estiveram bem. E no ataque foram os extremos e Pires os mais diligentes. Jordão, no eixo da linha média, fraquejou em absoluto, ainda por cima comprometendo a equipa com frequentes irregularidades.

Do Vitória foi o ataque — nomeadamente os interiores — o compartimento mais em evidência. Individualmente, o pequeno Nunes foi uma revelação para o público da capital. Os defesas agradaram pelo esforço despendido, mas, bem como o guarda-redes, tiveram erros de colocação e hesitações com influência directa no resultado. Mas a linha média ainda nos pareceu o mais fraco compartimento do «team», sem audácia nem colocação definida.

Em conjunto, a equipa mostrou que pode progredir e atingir afinação mais perfeita.

Pelo que fizeram e pela maneira como receberam o desenrolar das operações — que não lhes correu de feição, reconheça-se — os vencidos merecem ser envolvidos nos mesmos parabens que endereçamos aos vencedores, porque uns e outros estiveram, desportivamente, à altura da «final» da «Taça de Portugal» da época de 1942-43 — uma das temporadas, quanto a nós, mais animadas e que mais interesse provocou desde que se joga o futebol em Portugal.

CARLOS CORREIA

O ATLÉTICO

é o novo campeão de Lisboa e o Operário ganhou o torneio secundário

A última jornada do campeonato de Lisboa de «basket-ball» caracterizou-se por lutas emocionantes para o título e para a fuga ao lugar da cauda da classificação. E que o Rio Sêco, arquivando triunfos consecutivos nas últimas saídas, relegou o Ateneu Comercial para o posto final da tabela e o Unidos tinha ainda sua «chance» desde que o Benfica derrotasse os campeões. E quanto aos acelistas, em situação precária, podiam «salvar-se» desde que o Rio Sêco perdesse com o Lisgás — resultado, aliás, de esperar... — e que eles, acelistas, ganhassem ao Algés. Mas não se verificou uma só dessas hipóteses: o Ateneu perdeu sem remissão possível, e o Lisgás, com um «team» de pura fantasia, deixou-se bater pelo ex — lanterna vermelha! Neste encontro ocorreram «coisas» que a decência e finalidades do desporto não deviam permitir — tanto assim que o Ateneu (garantiu-nos pesada ao facto dos acontecimentos) fez ou vai fazer por menorizada exposição a quem de direito.

Na partida «maior» — a mais importante do torneio, porque decidia da atribuição do título ao Atlético ou ao Unidos — o «team» do Benfica foi insuficiente para destruir as aspirações dos alcantarenses; estes ganharam por 58-30, portanto, bem, como se vê do resultado.

Classificações finais da prova principal:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Atlético	22	25	1	0	654-639	61
Unidos	22	18	2	2	861-633	60
Benfica	22	15	—	7	870-706	58
Lisgás	22	13	1	8	749-700	49
Belenenses	22	10	1	11	760-631	45
Algés	22	10	—	12	835-825	40
Maria Pia	22	9	—	13	691-748	40
Carande	22	8	—	13	723-767	40
Sporting	22	8	—	14	664-817	38
Campo de Ourique	22	6	2	14	616-742	36
Rio Sêco	22	6	—	16	605-798	31
Ateneu	22	4	1	17	657-973	31

O Algés saiu do grupo de três, em sexto lugar, deixando para o posto seguinte os outros dois, vencidos da jornada; e o Sporting, vencendo os ouriqueenses, fugiu à companhia e aproximou-se do dueto formado por Maria Pia e Carnide. Quanto ao Ateneu, não pôde, de modo nenhum, fugir à sua sina...

O Atlético triunfou também em reservas, com 63 pontos, seguido do Unidos (56) e Carnide (54). O Belenenses ganhou em 3.^{as}, totalizando 60 pontos, contra 55 do Campo de Ourique e 53 do Sporting.

Na divisão secundária estabeleceram-se dois «records»: da reserva do Operário e das 2.^{as} do Campolide, que contaram por triunfos as partidas disputadas, 22. Classificaram-se depois: Boa Hora (55) e Campolide (54) em reservas; Casa Pia A. C. (54) e Operário (53) em 2.^{as}. O Campolide ganhou igualmente em 3.^{as}, com 62 pontos, contra 60 do Internacional e 58 do Operário. Em «teams» de honra a classificação final ficou estabelecida do modo que segue: Operário, campeão, 62 pontos e 879-566; Boa Hora, 56 pontos; Pedrouços e Moscavide, 55; Braço de Prata, 50; Campolide, 46; Casa Pia A. C. e Nacional, 43; Recreativo, 34; Lisboa Gimnásio e Internacional, 30; Matadouro, 24.

Como nota final — que fica para outra vez a apreciação ao comportamento dos «teams» no torneio — anote-se o quasi milhar (964) dos tentos obtidos pelos campeões principais, «marca» realmente de muito valor.

Um agradecimento do Sport Clube Intendente

Da secção de luta greco-romana do Sport Clube Intendente recebemos um amável officio, assinado pelo sr. João Sérgio Damão, de agradecimento pelas referências feitas à colectividade no artigo intitulado «Nada de novo sobre o tapete, do nosso estimado colaborador sr. Lance Moreira, informando ao mesmo tempo das diligências levadas a cabo junto dos clubes e da própria Federação, diligências essas que não deram resultado.

Poderemos pensar ainda nos Jogos Olímpicos de 1944?

A guerra tem martirizado implacavelmente o desporto, roubando-lhe alguns dos seus melhores valores e prejudicando as suas actividades, especialmente as de carácter internacional.

Os Jogos Olímpicos sofreram novamente um interregno. E a grande concentração do desporto mundial, cujo ambiente reflete o mais puro e entusiástico louvor à humanidade, sentiu-se ferida no ideal que orienta a sua importante organização.

Quando no último dia dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, a bandeira olímpica foi entregue à nação que quatro anos depois os realizaria, ainda não se pensava que dois anos mais tarde eles seriam rejeitados, por ser impossível à nação escolhida levá-los a efeito.

E foi a guerra que a tanto obrigou.

O Japão — pela primeira vez os Jogos iam para a Ásia — recebeu com satisfação a notícia de que seria o país organizador dos Jogos de 1940.

Conseguido o desejo dos japoneses para que Tóquio tivesse a preferência, todo o Japão passou a interessar-se pelos preparativos, que se soube serem valiosos e tornariam os Jogos de 1940 uma formosa e cuidada retinção do desporto mundial.

Mas a guerra com a China intensificou-se e os japoneses comunicaram, em 1938, ao Comité Internacional Olímpico, a impossibilidade da efectivação dos Jogos, ao mesmo tempo que indicavam a Finlândia — o país mais desportivo do mundo — como a nação que deseariam lhes sucedesse na organização dos Jogos, e que na votação de 1936 ficara em segundo lugar.

E a Finlândia aceitou! Mesmo com sacrifício, ia abalançar-se a essa organização, embora reconhecendo que tinha de fazer em dois anos o que seria de conseguir em quatro.

Todo o povo finlandês se entusiasmou com os Jogos Olímpicos e o seu Governo, onde todos os elementos são homens de desporto, deu exemplo excelente de interesse e incitamento.

Surgiram nomes, como o do então ministro do Interior, sr. Kekkonen, presidente do Comité Olímpico da Finlândia e campeão pedestre, e o sr. Rangell, presidente do Conselho do Governo finlandês, segundo representante da Finlândia no Comité Internacional Olímpico e campeão do triplo-salto.

O entusiasmo pela realização dos Jogos na Finlândia fazia prever que se rodeariam de imenso valor.

Começou surgindo o Estádio Olímpico, com a sua Torre da Maratona, um metro mais alta que a de Berlim, e os preparativos para tornar o país da cidade de Helsin-

kia uma verdadeira cidade olímpica. Os navios das nações representadas nos Jogos atracariam a esse cais, que ligava com as instalações olímpicas e com a própria «aldeia» onde se instalariam os atletas.

Mas o flagelo terrível da guerra mais uma vez impediu que se efectivasse a maior realização desportiva do mundo. Logo o conflito com a Rússia paralisou toda a actividade dos finlandeses em favor das olimpíadas e o seu Estádio ainda recentemente sofreu as consequências de um bombardeamento aéreo.

Tentando sempre que sejam o menos possível interrompidas as datas fixadas para as Olimpíadas, o Comité Internacional Olímpico votou, para organizarem os Jogos Olímpicos de 1944, as cidades de Londres, como preferida, e Detroit, a pátria do automobilismo.

Tanto a Inglaterra como a América não comunicaram até à data a impossibilidade de darem realidade aos Jogos de 1944, o que permite pensar que, se para felicidade do mundo a guerra terminar uns meses antes do fim do corrente ano, os Jogos Olímpicos de 1944 não deixarão de realizar-se.

Entretanto, o Comité Internacional Olímpico prepara para a Suíça, em Lausana, as festas comemorativas do seu 50.º aniversário, que, não se efectuando os Jogos Olímpicos, será então uma grande retinção do desporto mundial.

Em face da interrogação que rodeia os próximos Jogos Olímpicos, ocorreu-nos saber se Portugal deveria também pensar na sua possível representação nos Jogos de 1944.

Segundo os esclarecimentos colhidos junto de entidade bem informada, as nossas Federações de desporto não devem descurar de ir acompanhando a vida desportiva dos seus atletas, tanto mais que haverá a possibilidade de Portugal se fazer representar na festas de Lausana.

Para os Jogos Olímpicos de 1940, o Comité Olímpico Português indicara de certeza dois atletas, Mário Simas e Manuel Dias, e representantes da esgrima, hipismo, atletismo, tiro, vela e ciclismo.

Sabemos que não foi modificada ainda a ideia desta representação, onde há a novidade do competirmos em ciclismo. Este desporto tem agora a indicação do Comité Olímpico Português, em face da categoria de «amadores» que a União Velocípédica actualmente mantém.

Em resumo: Não está assim posta de parte a possibilidade dos Jogos Olímpicos de 1944, prenúncio de uma paz que o desporto perfilha e a humanidade deseja.

FERNANDO SA

“O Futebol Clube do Porto não comprará jogadores! A matéria prima do clube é vasta e valiosa!”

— disse-nos LIPO HERCZKA
treinador do clube nortenho

FALAMOS-LHE quando da passagem por Lisboa, a caminho do Barreiro. Lipo Herczka, o treinador húngaro que há sete anos está em Portugal, é de uma amabilidade extrema. Conhecemo-lo desde o primeiro dia em que começou a treinar o Benfica. Daí para cá, por diversas vezes, tivemos ensejo de o ouvir sobre vários problemas do futebol. Porque Lipo é um treinador-técnico, consciente, e não um treinador de ouvido, dos que entregam ao acaso e à improvisação a missão que lhe está cometida.

A conversa incidiu, pela curiosidade própria do jornalista, sobre o ambiente deparado no Porto, o balanço em que encontrou as turmas do F. C. Porto, mórmente a primeira, que era no momento a que mais fite-rava.

Lipo Herczka não respondeu imediatamente à nossa «girândola» de perguntas. Pessoa calma e com responsabilidades, de que não pode abdicar em circunstância alguma, começou por dizer:

— Um treinador que queira trabalhar com honestidade tem de possuir autoridade e autonomia. Viver como que num mundo à parte, para não se deixar influenciar ou suggestionar, percalço que, aliás, pode suceder a muito boa gente, O F. C. Porto, com uma época infeliz, por motivos que não me compete apreciar, passando afinal por um período tão comum às colectividades como aos homens em determinada altura da vida, queria um treinador. Contratou-me. Compreenderam os dirigentes da colectividade que eu necessitava aut. nomia. Que as responsabilidades do que se fizesse deviam ser só minhas. E concederam-me, com o que me congratulo. De contrário talvez não sáisse d. S. C. de Vila Real, onde deixei grandes amigos, camaradagem e espírito de dedicação como dificilmente se encontrará.

Lipo expra-se, depois, em considerações amplas sobre o que foi a sua permanência em Vila Real de Trás-os-Montes, uma terra e uma gente que não esquecem! Dir-se-ia que Lipo sente já em si o sabor da portuguesíssima palavra saudade...

— É difícil, e delicado, falar por ora no meu novo clube e nos meus punitos. Embora não desconhecesse totalmente o ambiente, a verdade é que estava longe de o conhecer bem. O período de adaptação e de estudo está quasi passado. Mesmo este último, considero o pronto.

— E então...
— O F. C. Porto é indiscutivelmente um clube de grandes recursos quanto a massa associativa. Tem muita gente e há no primeiro grupo rapazes com imensa habilidade. Necessitam simplesmente de ser «educados» tecnicamente. O futuro não se apresenta tão pestuoso nem incerto. O que é preciso é dar tempo ao tempo. Não é num mês que se faz um grupo, se lhe dá consciência, personalidade, a «endurance» indispensável para a luta.

— Mas está satisfeito...
— Sim, satisfeito e confiante. A direcção tudo me facilita e os jogadores são correctos, atenciosos, compreendendo o seu papel e o meu.

— O grupo será reforçado com elementos de fora?..
Há uma pausa. Lipo acende um cigarro, carrega-se-lhe o rictus e retorque:

— Posso afirmar-lhe que não. Definindo melhor o meu pensamento: se existir um jogador novato, com jeito e que interesse ao clube, em qualquer agremiação da provincia, creio que se não discutirão alguns estudos, caso seja indispensável chegar a esse ponto. Jogadores que custam fortunas e que vêm cheios de defeitos, dando mais trabalho a um treinador do que um iniciado, não servem ao critério presente do F. C. Porto.

Em reforço de opinião:
— Prefiro ensinar novos do que perder tempo a corrigir os erros dos que se consideram «ases» quasi intangíveis. Não, o F. C. Porto não comprará jogadores. A matéria prima de que dispõe é vasta e valiosa. O trabalho a seguir é de c. nstrução. Há que cuidar dos jovens, dos juniores. Sendo mais fácil e pratico ao próprio treinador, é, simultaneamente, trabalho de maior projecção e de largos benefícios futuros.

Ficamos elucidados sobre este capitulo. E inquirimos de Lipo opiniões à cerca-dos jogadores actuais da categoria de honra do F. C. Porto.
— Guilhar é ainda — e se quiser se-lo-á por muito tempo — um bom defesa. Anjos, o capitão da equipa, é um jogador experiente, de energia e voluntariedade comunicativas. Artur de Sousa neste final de época voltou outra vez à boa forma e, em qualquer emergência, sabe sempre o que faz... De lastimar que Gomes da Costa, por motivos particulares, não possa dispensar ao grupo colaboração mais activa.

— Mas o Lipo falou apenas d. s. con-sagrados... E os novos?..
O treinador húngaro, no seu português quasi correcto, esboça um sorriso. E volve:

— Dêsses direi que estão por justa no primeiro grupo. Parece-me que são rapazes para triunfar. Têm vontade, são applicados. E quando assim é raro deixa de vencer. O que é preciso, repito, é esperar.

Uma pergunta, aproveitando a «onda»:
— O nosso futebol tem progredido?

Uns segundos — e a resposta:
Afigura-se-me que pouco. Fazem falta os campos reivindos. Veja o Belenenses. Um exemplo fri-ante. Quando na relva, joga como nenhum. Em beleza e eficiência. Sai do seu campo, perde metade dessas quali-

(Continua na pág. 15)



Bicicleta «FLECHA»
A QUE TODOS PREFEREM

A ILUMINANTE
Av. Almirante Reis, 6 — LISBOA



Rogério escapa-se à defesa setubalense



Outra excelente atuação de Rogério Franco, plena de força e vigor.



Jordão corta uma avançada do Vitória, repelindo a bola do cabeça

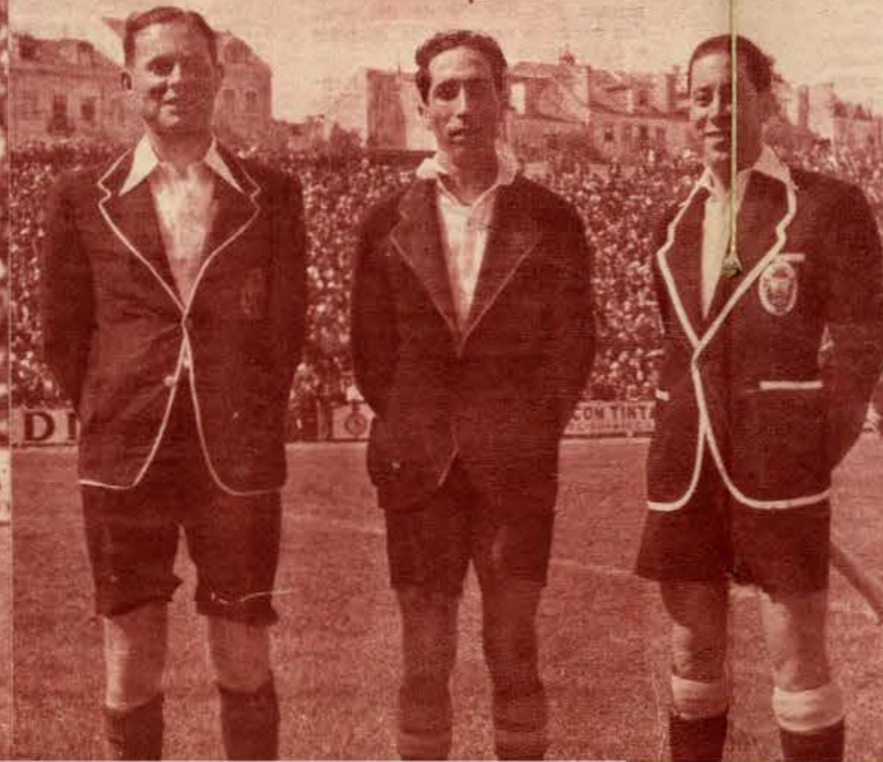


Idalécio, carregado por Manuel da Costa, defende com nitida dificuldade

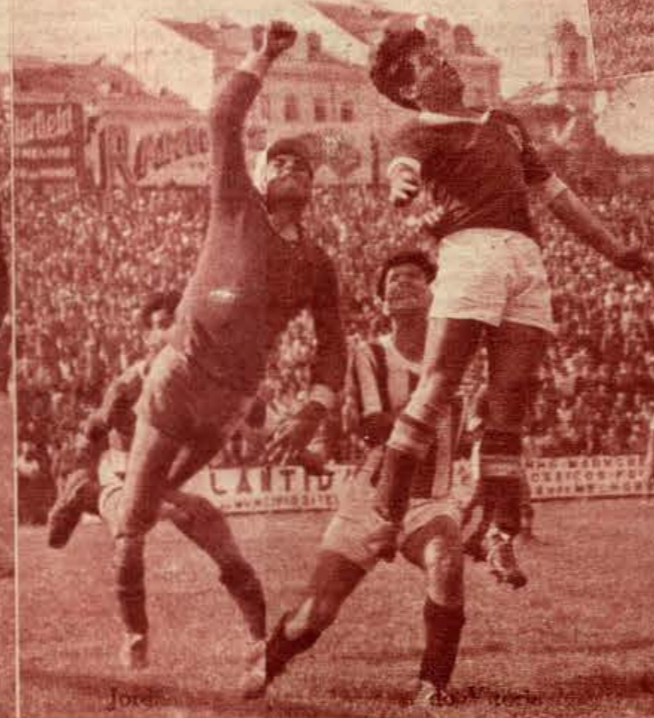
o popular BENFICA conquistou a "Taça de Portugal"

Os juizes da final: Araújo Correia, árbitro portuense, e os seus auxiliares

Idalécio falha a intercepção, Teixeira vai desviar a bola do cabeça e Julinho marcará facilmente o 5.º ponto do Benfica



O "onze" do Vitória de Setúbal



O dr. Augusto da Fonseca conclui a sua alocução com um viva ao Vitória!

Bons tempos!...

QUANDO atingimos uma certa altura da vida afigura-se-nos, quasi sempre com razão, que o Passado é já maior do que há-de ser o Futuro... É fácil nos é, infelizmente, chegar a esta conclusão, collocando num prato de hipotética balança as decepções, as desilusões e as saudades, e no outro as esperanças e as ambições. A medida que os anos vão passando, o primeiro prato desce cada vez mais... E, por fim, se formos a observar bem, concluiremos que o péso do prato contrário é nulo — ou quasi...

Isso não implica que lembrar facios trazuza dolorosa impressão. Pelo contrário. Se recordar é viver, nada nos é mais grato do que fazer perpassar, em espirito, acontecimentos e figuras que pertencem a um Passado tanta vez longínquo, quanto mais seja para repetir com emoção e sinceridade: «bons tempos!...»

Agora, a propósito do falhado projecto de levar os primeiros grupos de futebol de Benfica e do Sporting, no mesmo vapor, à Ilha da Madeira e de ali os fazer disputar um encontro, voto-me à memória a primeira vez que elles se defrontaram «fora do portão».

Entre parentes, deve dizer-se que pouquíssimas vezes os dois velhos e gloriosos rivais se têm encontrado fora da área da sua Associação. Não conto, portanto, os jogos feitos em Caravelos, nos tempos históricos, ou na Amadora, na disputa de taças com o nome desta povoação, que também já passaram à história. Refiro-me, pois, aos «Benfica-Sporting» efectuados na provincia. A despeito de frequentemente solicitados nesse sentido, só me lembro de três: um, no Porto; outro em Tomar; e outro ainda, em Elnas. Diga-se de passagem, os dois ultimos não tiveram a grandeza e o significado daquele a que me refiro em primeiro lugar. É, portanto, dêsse que me occupo, com a tal intenção de recordar um período distante e de conduzir à mesma recordação alguns dos comparas do acontecimento e as pessoas da geração, bem como as dos nossos dias, que se iam estar ao facto do que se passou em tempos idos, quando o clubismo e o próprio Desporto tinham um sentido e um «perfume» diferentes dos actuais.

Foi isto no principio da época de 1919/20. O Sporting ganhara, na temporada anterior, o seu segundo titulo regional. O Benfica preparava-se para lho arrebatat, como veio a verificar-se, para poder inscrever o seu nome, pela oitava vez, na lista dos campeões de Lisboa.

No ano anterior os encarnados haviam ganho o primeiro embate official, por 3-1. Na segunda volta, os «leões» devolveram o resultado... Houve empate em pontos e a necessidade de uma «final» para decidir a questão. Essa disputou-se em duas mãos, a 13 e a 20 de Julho de 1919. De ambas as vezes o Sporting saiu vencedor, respectivamente, por 1-0 e 2-1.

A época terminara entretanto. Outra principiará. O Benfica não ficara conformado... Mas as relações entre os dois clubes não eram de molde a tornar propicio qualquer jogo particular... Ai que o Futebol Clube do Porto, abalançando-se a iniciativa de vulto para a época, promoviu a deslocação simultânea dos dois grupos de honra, a-fim-de tomarem parte num torneio cujo «prato de resistência» seria, como é hoje ainda, o chamado «derby» lisboeta... disputado no Porto...

Amas as colectividades acceitaram com jubilo a ideia. O Benfica porque tinha no espirito a ambição de uma desforra, apenas moral embora. O Sporting porque lhe interessava poder confirmar superioridade por outros contestada, isto fora do ambiente apaixonado da capital, nessa altura menos dividido do que hoje e reconhecidamente pouco favorável aos então campeões...

Por isso, na tarde de 30 de Novembro de 1919, no campo da Constituição, os «teams» alfaias fisaram as suas exhibições prelimi-

(Conclue na pág. 15)

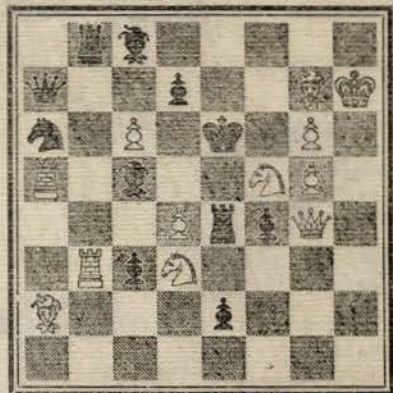
Direcção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa Redacção, com a referéncia «Xadrez»

PROBLEMA N.º 2

Eighth American Congress

Valentim Marin



Main em a lonca

O prazo de entrega das soluções é de 15 dias

A partida que inserimos hoje — adoptando a notação algebrica abreviada, que dispensa o simbolo da casa primitivamente occupada — destina-se especialmente ao leitor iniciado, pelo que a fazemos acompanhar de algumas notas e comentários, no intuito de auxiliar quem a analise.

Partida n.º 2

Jogada no Campeonato do G. X. L. — 1943

P. R. — Partida Ponziane

Br. Vasco Santos Pr. José Luis de Moura

1. e4, e5; 2. Cf3, Ce6; 3. c3 — o lance que caracteriza a Partida Ponziane, sistema pouco explorado, mas que mereceu a Mestre Braumann, quando das suas dissertações sobre a Teoria das Aberturas, as referências mais elogiosas. O objectivo do lance é, evidentemente, fortalecer o centro de peões, aguardando o desenvolvimento do BR que, conforme a variante adoptada pelas pretas, occupará os pontos mais estratégicos. 3... Cf6; 4. d4, d6; 5. d4x e5, d6x e5; 6. Dxd8, Cxd8; 7. Cd2, Bd6; 8. Bd3, Ce6; 9. o-o — As pretas ameaçavam Cf4! Mas esta pretensa emancipação é efémera... 9... Ce5; 10. Be2, Be6; 11. Cg5, Bg4 — Este Bispo tem sido mal manobrado. Para não trocarem um B. por um C., o que tècnicamente seria desvantajoso, as pretas começam imperceptivelmente a ceder agora. 12. b4 — Enfraquece c3, mas expulsa o cavalo de uma casa estrategicamente excelente. 12... Cd7 (preferível seria jogá-lo a e6) 13. f3 — Apoiando eficazmente o Pe4 e antagonizando a actividade do Bispo negro, que se tornou inútil. 13... Bb5; 14. Ce4, Tc8; Tentando explorar a fraqueza em c3, quando Cxb5. 15. Td1 — Ameaçando ganhar um peão com Txb1... 15... h6; 16. Ch3 — Esta posição do Cavalo, parecendo fora de jogo por se encontrar longe da «zona de combates», é apenas aparente, pois esta peça tem uma excelente via para rapidamente entrar em acção. 16... Re7? Cortando toda a possível retirada ao Bispo; a vantagem posicional das brancas é agora nítida. 17. Ba3 — Um lance curioso e mais eficaz pelo reforço que representa para o bom êxito do ataque das brancas. Estas projectam, com esse lance, não só um forte dominio da diagonal a3-f8, como também lançar uma offensiva na ala da dama, com a colaboração de todo o material disponível. 17... Cb6? Desastrosos! Urgia defender a casa e5 porque o cavalo, occupando-a, abre caminho à sua infantaria, que se tornava depois demasiado ameaçadora. 18. Ca5, e5; — A perda de um peão era inevitável; se Tb8, então e4, e ganha uma peça! 19. Cxb7, e5xb4; 20. Cxd6, Txc3? — Isto acarreta a perda da Torre, mas, em qualquer dos casos, as pretas ficam sem-

Aos dirigentes e aos praticantes do atletismo portuense

MEUS bons amigos: Como verificais, ainda não morri... Este postal, escrito ao correr da pena, garante-vos o meu entusiasmo pelos assuntos desportivos, esse entusiasmo que é a consequência lógica de uma prática sã e despenda de teorias insalubres... Por isso mesmo, a minha paixão pelo desporto já jamais morrerá!

Se volto, porém, à difícil tribuna da imprensa, faço-o pelo amor que me merece a mais salutar de todas as manifestações desportivas, o atletismo, que pratiquei embriagado pela sua beleza e que estudei, encantado pelas suas excepcionais condições técnicas.

Não vos admireis, pois, se pelo atletismo eu faço todos os sacrificios — e digo «sacrificios», porque os desportistas não souberam a nda reconhecer o que o progresso da causa deve à Imprensa!

Mas vamos ao que interessa, porque eu quis iniciar a série de artigos sobre o atletismo portuense, que me propus escrever para a «Stadium», com este bilhete postal que vos dirijo. E faço-o com profunda emoção, por dois motivos: primeiro, porque andei longo tempo arregrado de vós; segundo, porque foi precisamente nas colunas da «Stadium» que eu escrevi os meus primeiros artigos sobre atletismo.

Em bons tempos, dei o «sinal de alarme», perante a indifferença da «turba»... O resultado viu-se; os meus recios tiveram, infelizmente, a confirmação... Mas o que lá vai, lá vai...

Voltámos os olhos para o presente e para o futuro, porque só estes interessam; só para estes podemos trabalhar com proveito.

E será então, agora, oportuno perguntar-vos: Teria de facto morrido no Norte o entusiasmo pelo atletismo — aquêle entusiasmo do tempo do Sarsfield, dos Pratas de Lima, do Arnaldo Sousa, do Julio Dias?

Como eu, sabeis que não. «Dorme-se», apenas, um sono letárgico, à espera de um sópro de vida, venha êle de onde vier!

E esse «sópro» tornado realidade, realidade será a existência do atletismo nortenho.

Não nos faltam condições para isso: possuímos a melhor pista do País — e sem pistas não pode haver atletas; o nosso publico é o mais entusiasta e o mais animador das boas iniciativas; e dispomos de dezenas e dezenas de rapazes interessados pela modalidade.

Com tão vastos e preciosos elementos, basta que vós — dirigentes e praticantes — unidos num só «bloco», queirais que o progresso do atletismo portuense seja o «marco» do renascimento do nosso atletismo! Um renascimento, embora sem «marcas» ou «tempos» famosos, que virão a seu tempo; mas um renascimento do entusiasmo pelo atletismo, que é tudo!

Deixem-se ficar no esquecimento todas as invejas, todos os mal entendidos, porque acima do egoísmo de cada um, acima da vaidade pessoal, estão os interesses gerais do atletismo nortenho.

Senhores dirigentes e praticantes: Se cada um, dentro das possibilidades, der o seu esforço, por mais insignificante que pareça, o atletismo no Norte será uma manifestação desportiva em franco progresso.

Confio em absoluto nos novos homens que estão à frente dos destinos da A. P. A., e é dêsse que, em grande parte, depende o futuro da modalidade.

Todos unidos, seréis capazes de conseguir o que até agora tem parecido impossível. E para isso, pod-is contar com a colaboração leal e franca do que afirma ser um dos amigos N.º 1 do atletismo — bela e salutar modalidade desportiva!

EDUARDO SOARES

pre em inferioridade material. 21. Cf5+, e as pretas abandonam, porque a Re8 seguir-se-ia Bxb4, com a ameaça de ganhar a Torre... ou dar mate!

V. S.

O PRESTÍGIO DE UMA PROFISSÃO

IV

A existência do jornalismo desportivo é uma necessidade tão ingente que o desporto não a pode dispensar.

Forma um todo à parte da grande imprensa, com vida própria, reconhecida, presente. Triunfos, impôs-se, cresceu, mostrou o seu valor, vivendo da curiosidade pública, do interesse das multidões, cuja ánsia de notícias as levou a procurar, de entre os maiores volitivos, aquele que melhor as informasse do grande movimento desportivo nacional, em franco progresso.

Constituindo o prolongamento da grande imprensa, mas sem precisar desta para que o seu valor fosse reconhecido, o jornalismo desportivo teve necessidade de criar quem o servisse — com afecto, carinho e dedicação apaixonada.

Assim vieram os primeiros jornalistas amadores. Sem retribuição, sem presentes, antes sofrendo as inclemências do tempo, os doentes dos mal agradecidos e as más vontades dos chefes das imprensas — então ainda desconhecidos absolutos do movimento que estava em marcha — tais jornalistas foram os iniciadores dessa acção que tantos prosélitos viria a ter.

Descrever essas primeiras horas do jornalismo desportivo é tarefa a que não tentamos meter ombros. Somos dessa tempo, e isso basta. Somos do tempo em que para se arrancar escassa meia coluna num diário era preciso que o jornalista amador se couraçasse de paciência, tapasse os ouvidos e, de sorriso nos lábios, ouvisse, ouvisse... para conseguir, por fim, as linhas que eram a sua esperança.

Bons tempos? Maus tempos? Não sabemos. Mas o jornalista amador foi se desenvolvendo, cada vez mais e melhor. Surgiram as grandes dedicações, as prolixas penas postas ao serviço da causa desportiva, comandadas por chefes que sabiam o que pretendiam, que venciam pelo poder da sua lógica, pela persuasão — e pelo exemplo!

Decorreram anos, outros personagens entraram em acção, o desporto desenvolveu-se, criou raízes, passou a ser necessidade nacional.

Surgiu, então, o mal do jornalismo desportivo, essa epidemia que iria contagiar uma parte da imprensa desportiva, que tanto prejuízo hoveria de causar ao desporto nacional: o arrivismo.

Tal como aconteceu no seio dos praticantes, o mesmo ocorreu nos meios jornalísticos do desporto: a presença de elementos incompletamente apetrechados, de consciência mal definida e educação desportiva imperfeita, veio entrar e levantar obstáculos à senda generosa que até então era trilhada pelo desporto português — os pelos jornalistas que o serviam de alma e coração.

Soou então a hora de perigo — cujos efeitos ainda se mantêm, por culpa daqueles que tendo uma posição a defender esquecem os interesses gerais da comunidade para só verem os seus!

Essa errada noção tem sido a causa de muito disparate, de muito mau passo e até de muito prejuízo!

MÁRIO AFONSO

De GAIA

CONTINUAM os festejos do 24.º aniversário do Vilanovense, nos quais fizemos já referência especial.

Englobando várias facetas do desporto, o programa, elaborado com critério, vai dar motivo a que possa conhecer-se qual o valor do Vilanovense em todas as secções que pratica, como sejam: «hockey» em campo, «volley-ball», ginástica, «basket-ball», tenis e futebol.

Não esquecendo a suma acção humanitária, o Vilanovense distribue, igualmente, por diversas colectividades de beneficência, alguns generosos donativos.

Para encerramento das festas, o nosso camarada Belo Redondo preferirá, no próximo domingo, uma palestra desportiva.

A Ferraz Carneiro e a todos os «grandes sacrificados» do Vilanovense, os nossos parabéns e os nossos votos de maiores prosperidades.

Stadium na Capital do Norte

Notas... sem valor

CONTRA todas as hipóteses, o Infante de Sagres, campeão crónico do «hockey» em patins, «saiu-se», no «rink» do Lima, com o empate do Académico. Uma equipa a jogar, principalmente na segunda parte, não foi além do dito empate — resultado injusto, como toda a crítica apontou. Mas Cândido Pinto, um pouco surpreendido com a rapidez do jogo, modificou — e muito — a marcha da partida, com a «sua» interpretação às regras.

Há má vontade, injustificável, contra um clube portuense, que com toda a honestidade, sem atropelar ninguém, trabalha pelo desporto da sua terra. Apareceu na época passada uma equipa de valor, integrada de agente feita, vinda de outros clubes, dando, assim, maior movimentação ao «hockey» em patins. Procurou-se uma forma mais «cómoda» de fazer barreira à equipa do Académico, com processos antipáticos, reprovados por todos aqueles que pretendem o desenvolvimento do desporto. Rancor ciuibista, é bem claro, criado pelos «despeitados».

O protesto do jogo, baseado em erros de arbitragem, não foi atendido. Cândido Pinto confirmou as suas «declarações»... — não havia «matéria» para a anulação do jogo. O Infante de Sagres, fora da contenda, é o vencedor da sua série, representado condignamente a região do norte como campeão da época de 1942/43.

Não toma posse do cargo de presidente da Associação Portuense de Atletismo o engenheiro Vidal Pinheir, representante do Salgueiros. Nova complicação no elenco directivo — e muita precipitação dos delegados dos clubes na última assembleia geral...

O F. C. do Porto tem já no continente, de regresso de uma missão oficial, o seu antigo jogador Pereira — um bom defesa. Já foi abordado, numa visita a uma localidade muito próxima do Porto, pelos dirigentes do seu clube.

O Salgueiros, antes do encerramento da época, montou a sua «trêze» futebolística na zona promocionária, mais fácil para o novo recrutamento de jogadores... Num desafio particular, os «rapazes» do Penafiel e Desportivo de Portugal prestaram as suas «provas».

Tomou outro caminho o «caso» de Alexandre Madureira, jogador do Vasco da Gama, suspenso pela Associação de «Basket-ball» do Porto. Uma individualidade do clube do bairro Alexandre Herculano, na sua «visita» à capital, esclareceu tudo...

Na turma de «basket-ball» do F. C. do Porto não «consentem» o jogador Abílio. Fala-se, por agora, numa determinação disciplinar, por um «caso» passado últimamente. É certa, segundo afirmam para aí, a transferência do jogador do Porto para o seu antigo clube — o Vasco da Gama.

Dois homogenias a dois antigos praticantes da «velha guarda», pela sua retirada do desporto: Laurindo Grijó, do Vilanovense, e Américo Pacheco, do Leixões.

O defesa do Salgueiros, Corqueira, já definiu a sua situação profissional. Fica a residir em Famalicao.

DR. ALVARENGA

Portuense Rádio Clube

Quis a direcção deste organismo de propaganda radiofónica e desportiva prestar publico agradecimento à «Stadium» pelas palavras publicadas, num dos nossos últimos números, em que dizíamos do I.º e do cuidado prestado pelo «Portuense Rádio Clube» à causa dos desportos.

Quando merecidas, tais referências não carecem de agradecimentos — e este é o caso em que se encontra o conhecido e simpático clube portuense, cuja acção está acima dos elogios que possam fazer-se em volta da sua ideia de propaganda desportiva.

Laurindo Grijó

NO jogo de «hockey» em campo efectuado dentro do programa das festas comemorativas do aniversário do Vilanovense, fez as suas despedidas dos campos desportivos o conhecido atleta, praticante e dirigente, Laurindo Grijó.

É com pesar que vemos, um a um, afastarem-se da actividade indivíduos cujos nomes são símbolos de dedicação desportiva, plenos de mérito desportivo e que deixam fortemente vincado o nome pela sua acção larga e fecunda, de tantos e tantos anos.

Vai rareando as fileiras dos iniciadores e não vemos, olhando para a massa dos que vêm, grandes promessas de mais e melhor.

É que o sentido desportivo é hoje outro e não aquele que animou Laurindo Grijó e tantos mais que abandonaram por entusiasmo, ou que foram forçados a fazê-lo por cau as diversões.

A Laurindo Grijó, um desportista, os nossos cumprimentos, com a expressão da nossa máguia pelo seu afastamento.

HAND-BALL

Notas da semana

JOGOU-SE o desafio-repetição Vilanovense-Académico. A vitória dos locais, em si, nada representa de anormal, mas o facto da desistência do Académico, quando o marcador lhe era negativo (1-8), e a circunstância de se lhe atribuir a desculpa de só alinhar 8 elementos, afirmam se nos lamentáveis.

Relacionando-se o encontro anterior (que foi anul. do por «protestos» do vencido de então e de agora), com o jogo de domingo, verifica-se que, infelizmente, não foi a causa desportiva que motivou esse «protestos».

De facto, se a finalidade do jogo foi atraída para um erro do árbitro, pelo que o Académico desejava 60 minutos de puro «hand-ball», não vemos agora, numa desistência a meio do tempo regulamentar, qualquer argumento nítido que o resgate da «alfontra» que o jogo anulado lhe causava.

Também não se justifica que, pelo facto de alinhar com um número de elementos inferior ao limite máximo, venha a sentir-se com razão bastante para abandonar a luta. Crêmos que não foi esse o facto. A confirmar estas considerações, basta pensar em qual seria a atitude do grupo se, ao intervalo, estivesse com resultado positivo...

São estes factos que marcam o comportamento desportivo dos grupos — e não o número de bolas conseguido.

Depois de novas diligências entre as partes interessadas, o regulamento do Campeonato de Portugal sofreu as alterações que se impunham.

Resolvida a questão dos árbitros, que pertencerão à cidade do grupo visitante, permitiu-se a faculdade dos grupos do Porto jogarem contra os de Lisboa logo na 1.ª eliminatória. A final só será realizada na capital se, porventura, as finalistas pertencerem também a Lisboa.

Está despertando enorme interesse, principalmente nas massas associativas dos clubes em jogo, a final da 2.ª Divisão, que será disputada entre o F. C. de Gaia e o Leça.

Posto que o grupo de Matosinhos seja formado por elementos mais conhecidos, o «vonce» de Gaia é mais aguerrido, factor muito importante para um jogo decisivo.

Fôram interrompidos os treinos da selecção portuense. Consta que, esta época, ficam sem efeito os já apregoados inter-cidades.

Regista-se — e lamenta-se.



Um treino no tanque



O dr. Leopoldo Leherfeld ministra os seus ensinamentos



A equipa seleccionada

vão bater-se em Espanha os *Remadores* **PORTUGUESES**

O desporto náutico português, vivendo neste instante um período magnífico de ressurgimento, foi a Espanha, acedendo ao honroso convite da Federação Espanhola, disputar o II Campeonato Peninsular e o Lisboa-Barcelona em remo.

A modalidade tem tradições brilhantes e um lote de desportistas de valor. Lisboa, Porto, Aveiro e Caminha forneceram os seus melhores remadores, seleccionados pelo dr. Leopoldo Leherfeld.

A preparação dos nossos representantes foi meticolosa e rodeada de todos os cuidados.

No Alfeite, os remadores desfrutaram 15 dias de estágio-treino na melhor camaradagem.

Visitámos, num dos seus últimos dias, o estágio — e regressámos com a melhor impressão. Todos os remadores apresentavam moral excelente. O seu entusiasmo era comunicativo e a disposição bellissima.

Os treinos foram intensos e todos os remadores nos afirmaram o seu firme propósito de fazerem triunfar as cores nacionais.

Além dos treinos de remo, os desportistas em estágio praticavam ginástica, jogavam o «volley-ball» e na mata do Alfeite entregavam-se a práticas de campismo.

Portugal aguarda dos nossos remadores o melhor comportamento. O ideal desportivo, o espírito de luta, a coragem e a mais pura disciplina vão com os remadores portugueses.

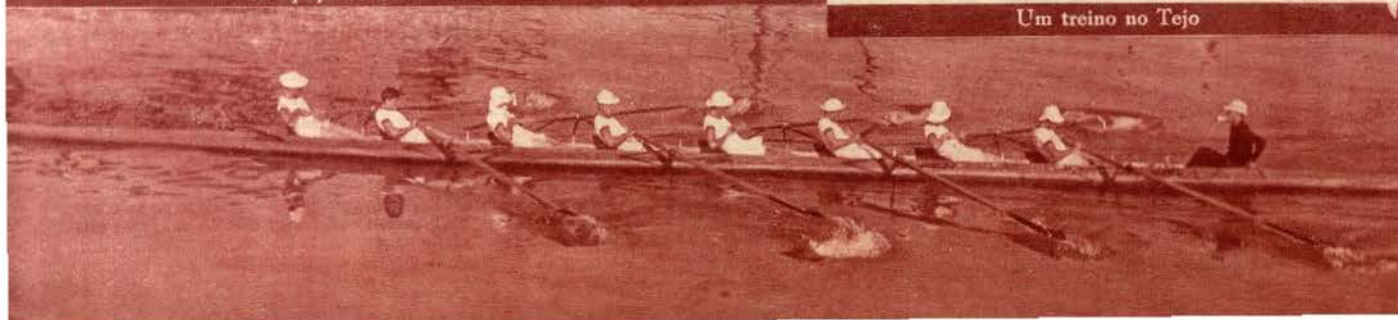
Boa viagem — e vitória!

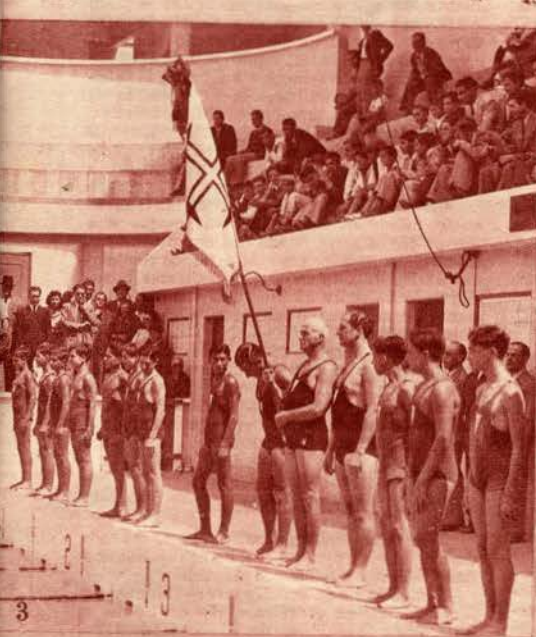
Palavras do Presidente da Federação de Remo

O sr. Mendes Saraiva Lobo, presidente da Federação Portuguesa de Remo, é, além de distinto dirigente, um apaixonado do remo. O seu entusiasmo confunde-se com o dos remadores. Os seus cuidados na organização desta jornada do remo nacional foram extremos.

(Continua na página 14)

Um treino no Tejo





7 **Em Lisboa:** 1 - O grupo de "hand ball" do F. C. Porto, vencedor do Belenenses; 2 e 4 - As comemorações do 25.º aniversário do S. Algos e Dafundo; aspectos dos festivais de natação e veia; 5 - A chegada de Henrique Amaral, do G. D. Carmo, vencedor da eliminatória distrital da corrida popular dos 3.000 metros. **No Porto:** 6 - A homenagem a Laurindo Grijó; 7 - As classes do Feminino A. C. e do Lisboa ginástico, que tomaram parte no festival do Palácio de Cristal; 8 - Os premiados no campeonato de bilhar do Clube Femiano; 9 - As campeãs de "ping-pong" do Português Rádio Clube. Na mesa, entre outras individualidades, vê-se o delegado da Direcção Geral dos Desportos, sr. Mário de Carvalho.



DEU-SE MAIS UM TIRINHO...

...com o reaparecimento de Licínio

HA no Parque Mayer várias barracas onde raparigas de olhos lânguidos e voz agudada...

Domingos Pinto, bom rapaz e bom amigo, é o pontífice da casa - e como tem espírito de folião...

O povo foi sempre uma criança grande e tem alma de sacrificado! Ora como um velho adágio...

Cuidado, Domingos Pinto! Cuidado, que o povo é uma criança grande - e toda a brincadeira tem limites...

Vem este introito a propósito da última sessão de «boxing» da Sala Central de Desportos...

Registem-se, entretanto, os «acontecimentos»: A reunião teve como preliminares os «matchs»...

Até aqui, nada de extraordinário! Mas é que se trata de dois bons moços...

Nesses combates (?) o «Négus» e o Alfredo de Oliveira levaram a melhor, tendo o último feito, com o negro Quintino - outro «rapaz»...

O espanhol Gonzalez (63,550) que havia perdido, no Coliseu, com Miguel França, e derrotado depois Jack Pestana...

Reapareceu Licínio Passos (55,600) - que enfrentou o espanhol Alpañez (56,300). E aqui está o tal «tirinho»!

Quer dizer, no balanço geral: uma sessão de mau «boxing», absolutamente inútil e que

A equipa D triunfou no torneio de «water-polos» inter-sócios do Algés e Dejunho

TERMINOU o torneio de «water-polo» que o S. A. D. fez disputar entre os seus associados. Como frisámos na devida oportunidade...

Além de ao cabo de várias alterações na tabela da classificação, saiu vencedora a equipa D, que em desfecho decisivo venceu a equipa A...

O Algés organizou também, mais uma vez, um torneio de «water-polo» reservado aos seus nadadores infantis.

O festival inter-sócios do Nacional de Natação

A fim de avaliar o progresso dos seus nadadores, organizou o Clube Nacional de Natação, no penúltimo domingo, na sua piscina de ensino da rua de S. Bento...

Os vencedores das provas foram os seguintes: 33 metros-brasas, infantil - Francisco Cabral da Silva - 29 s. 7/10...

Inscrição livre: 33 metros-brasas - Manuel das Neves Reis e Armando Pereira Marques - 27 s. 33 metros-livres - Ernesto Cabral - 20 s. 7/10...

Acontecimentos da Semana

(Conclusão da pág. 14)

REMO - Partiram para Espanha as equipas que vão a Barcelona tomar parte no I Lisboa-Cataluña e no II Campeonato Peninsular.

TIRO AO ALVO - D. Maria Aquino de Brito, do Sporting, foi a vencedora da prova especial para senhoras do torneio da Federação dos Industriais de Moagem...

VELÁ - Quintela Saldanha é o novo campeão de Lisboa para «Monotipos C. N. P.». Nas comemorações do 28.º aniversário do Algés foram incluídas regatas de «atares», «sharpias»...

Lipo Herczka

(Conclusão da pág. 7)

dades. Quem se ressentia, em globo, é o futebol. Uma selecção nacional, agora, não atingiria a craveira da de há dois anos, vencedora da Suíça...

Assim falou Lipo Herczka, o treinador que uma semana depois de estar no Benfica levantava o morl i abafado da turma, conduzindo-a a altos postos...

Foi feliz no jogo do Bo. Arris. Sentiu as agruras de uma pesada derrota em Setúbal. Isto nada significa!

Dêem tempo ao tempo. Querer é poder. E Lipo quer! Assim queiram também os seus pupilos portugueses. É o que veremos na nova época de futebol.

D. L. M.

não era precisa para nada. Falhou tudo. Foi, tudo, uma nulidade. E assim, francamente, não vale brincar...

Entretanto, dão-se «coisas» nas esferas directivas! O sr. Silva Lopes pediu a sua demissão na Associação de Lisboa. Já que mais há? Por enquanto - nada de novo nas hostes pugilísticas...

J. M.

nares: o Benfica venceu o Sporting da Espinha por 7-0; o Sporting perdeu com o F. C. P. por 2-1. Mas a derrota não abalou o moral dos jogadores leoninos...

No dia imediato, ao contrário do que sucedera na véspera, choveu torrencialmente e o terreno ficou em estado lastimoso. O clube promotor da dupla deslocação pôs em disputa uma valiosa taça de prata, à qual deu o seu nome. E quando os dois rivais entraram no campo, viu-se que a assistência, relativamente numerosa se se atender às condições desfavoráveis do tempo, saudava os dois por igual...

Luciano Simões, já falecido, e acabou pelo vitória dos rapazes das camisolas bi-partidas de verde e branco, por 4-1.

Não vale a pena entrar em pormenores das jogadas nem repetir as críticas da época. A minha intenção foi apenas recordar o acontecimento. Para complemento dela basta a indicação dos nomes que tomaram parte nesse memorável encontro. Eis as linhas: Sporting - Quintela; Amadeu Cruz e Jorge Vieira; Castano, Alfredo Perdigão e Boaventura; Torres Pereira, Jaime, Francisco Stromp (capitão), Loureiro e Marcelino Pereira. Benfica - Clemente Guerra; Pinho e José Bastos; Fernando Jesus, V. Gonçalves e Cândido de Oliveira; Ribeiro dos Reis (capitão), Herculano Santos, Artur Augusto, Jesus Crespo e Alberto Augusto.

Destes, já desapareceram para sempre: Amadeu Boaventura, Stromp, Fernando Jesus e Artur Augusto.

Animava-os, a todos, uma fé e um entusiasmo íntimo que a geração de agora não manifesta, pelo menos tão exuberante... «Sentiam-se» melhor as derrotas e as vitórias. No entanto, a despeito de se lutar com maior convicção, a lealdade e a correção não andavam arredadas dos terrenos da bola...

Enfim - bons tempos!...

RUI DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

Todas as entusiastas de tão intuitivo passatempo podem colaborar nesta secção do «Stadium», desde que nos enviem as suas produções elaboradas e escritas à mão...

SOLUÇÕES

PROBLEMA N.º 9

Horizontais: - 1 - Ma, 2 - Bode, 3 - Catalo, 4 - Peretea, 5 - Cam; Ave, 6 - Cur; 1.º, 7 - Maria; Sina, 8 - Iris; Suco, 9 - Asi; Udo, 10 - Ata; Uga, 11 - Ollarapa, 12 - In'ara, 13 - Leme, 14 - M6, 15 - Estabecer.

PROBLEMA N.º 10

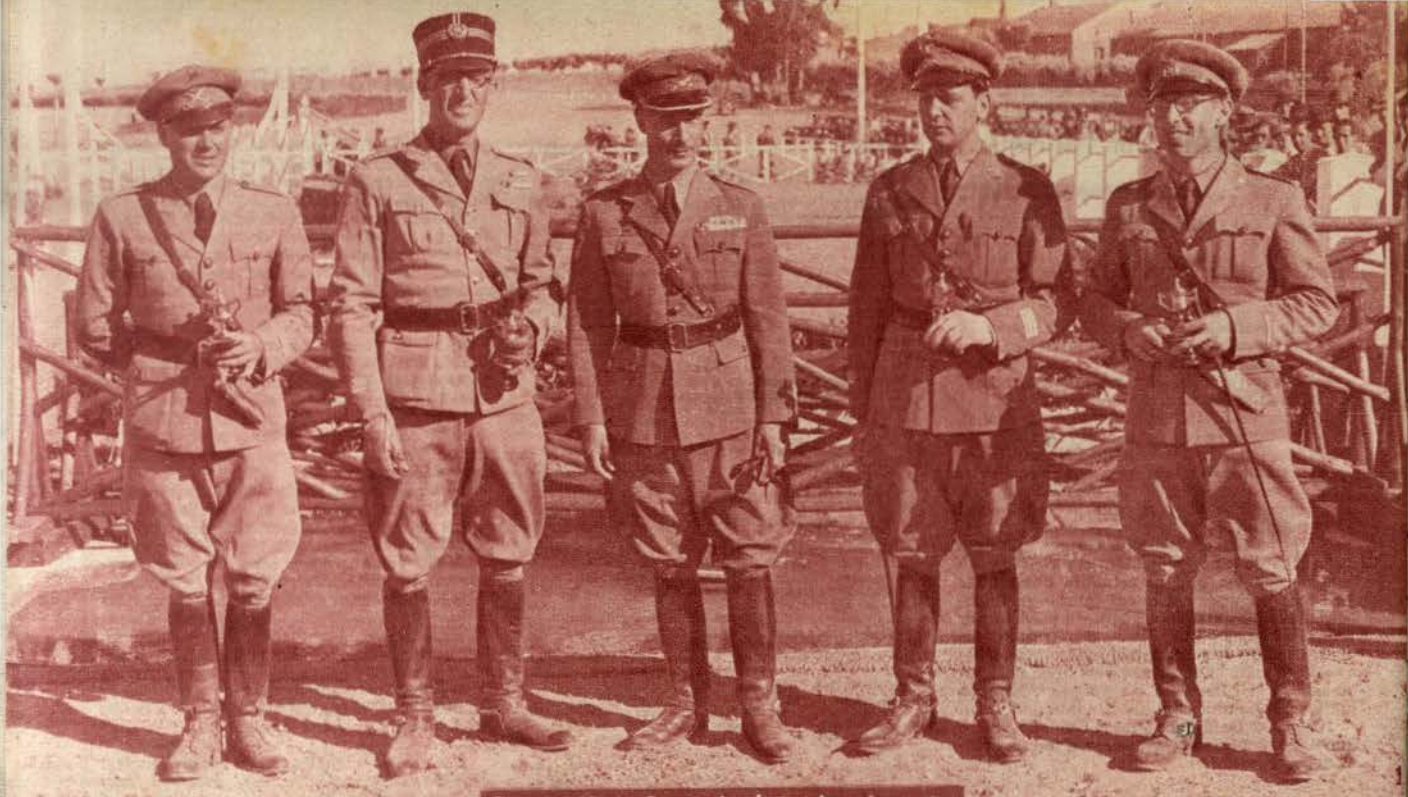
Horizontais: - 1 - Escudaloso, 2 - TI; As, 3 - Dario, 4 - Cão; Sér; Por, 5 - Amar; Ro n. 6 - Asia; Cubo, 7 - Ailo; Arr. 8 - Del. 9 - Romão, 10 - S6; P6, 11 - Estabecer.

PROBLEMA N.º 11

Horizontais: - 1 - Mato; Leal, 2 - Pau; Sua; Lin, 3 - Ca to; Saado, 4 - Licose; Carmim, 5 - Arciforme, 6 - N6; Ale; Ico; As, 7 - V6; Al, 8 - P6; P6; Oio; Al, 9 - Manuacil, 10 - Cr6sto; Alona, 11 - O6ste; Alr6o, 12 - im; Pui; Flo, 13 - Arca; Rina.

Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc. 19550 6 meses Esc. 39500 12 meses Esc. 78500



Concurso Hípico Internacional: 1 — A equipa portuguesa que conquistou a "Taça de Ouro da Península". A contar da esquerda: tenente José Carvalhosa, capitão Helder Martins, major Ivens Ferraz (delegado do Ministério da Guerra), capitão Correia Barrento e alferes Henrique Calado; 2 — Um salto do concorrente espanhol comandante Noguera Marquez, vencedor do "Grande Prémio"; 3 — Correia Barrento executa outro excelente salto

(Fotos Nunes & Almeida)



DINHEIRO DÁ-SE

por bem empregado quando se usa "ferrania" a película que nunca falha